

MEMÓRIA E COR: INTERVENÇÕES CROMÁTICAS NA PAISAGEM HISTÓRICA CURITIBANA

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.037-001>

Ana Claudia Adamante

Arquiteta Urbanista

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Paraná

Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina
UFSC

E-mail: anadamante@gmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5804942912133472>

RESUMO

Este artigo analisa o fenômeno contemporâneo de "rejuvenescimento" nas paisagens urbanas, especificamente através de intervenções cromáticas, e suas implicações na preservação dos valores históricos e culturais. O estudo discute a preocupação com a pasteurização cultural e a degradação de centros históricos, evidenciando que intervenções cromáticas podem resultar em paisagens desordenadas e questionáveis. Além disso, a relação entre paisagem e memória é abordada, enfatizando a construção social da memória coletiva. A cor, entendida como elemento constitutivo da paisagem, expressa valores históricos e culturais que conectam a história e a identidade local. Com foco no Largo da Ordem em Curitiba, a pesquisa reflete sobre como essas intervenções impactam na identidade simbólica do espaço histórico, questionando o papel de uma estética globalizada no contexto cultural local. A metodologia envolve levantamento bibliográfico que explora a relação entre paisagem, memória e cor, analisando a importância da cor na identidade dos centros históricos. O artigo conclui que o desejo contemporâneo de rejuvenescimento tem implicações profundas na preservação do patrimônio histórico, desafiando a identidade local em um mundo que valoriza a novidade em detrimento da densidade histórica. A análise das intervenções cromáticas na paisagem curitibana, exemplifica a necessidade de balancear a revitalização urbana com a preservação da memória e da identidade cultural local.

Palavras-chave: Paisagem 1. Patrimônio Cultural 2. Cor 3. Intervenções cromáticas 4.

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, observa-se um fenômeno psicossocial semelhante à "Síndrome de Dorian Gray", caracterizado por uma preocupação crescente com a aparência e uma aversão ao envelhecimento. Esse fenômeno não se restringe ao plano individual, estendendo-se às cidades, que passam a competir por uma estética jovem e globalmente atrativa, impulsionadas pela busca por uma identidade urbana atraente e pela competitividade econômica (LIPOVETSKY; SERROY, 2013; SÁNCHEZ, 2010).

Kühl (2004) destaca que essa busca pelo "rejuvenescimento" se reflete em práticas de renovação urbana, que afetam não apenas bens culturais, mas também a autenticidade e o valor histórico de monumentos e centros urbanos. Com base nas contribuições de Alois Riegl, que introduz o conceito de "valor de novidade" na apreciação de monumentos, observa-se uma tendência a conferir a esses elementos uma aparência atemporal, contrariando a aceitação das marcas do tempo.

A pasteurização cultural, degradação de centros históricos e a possível perda de identidade urbana são preocupações discutidas desde a década de 1960 em documentos da UNESCO, ICOMOS e Conselho Europeu. Apesar de reflexões sobre a cor em edifícios históricos, resultados práticos são limitados. Além disso, artigos europeus como Santopuoli (2012), Cardone (2017), Vitiello (2011, 2012) e Aguiar (2003) exploram restauração, cor e identidade nos centros históricos, enfatizando a importância da cor na preservação cultural. No Brasil, Ribeiro e Florenzano (2020; 2020a, 2020b, 2021) e Naoumova (2007; 2020) e Brendle (2012) abordam policromia e identidade urbana, discutindo o impacto das intervenções cromáticas.

Este artigo investiga o fenômeno contemporâneo de "rejuvenescimento" nas paisagens históricas, especificamente por meio de intervenções cromáticas, e seus efeitos sobre a preservação dos valores históricos e culturais, tomando o Largo da Ordem em Curitiba como estudo de caso. A pesquisa reflete sobre como tais intervenções impactam na identidade simbólica do espaço histórico, questionando o papel de uma estética globalizada e comercializada no contexto cultural local. A metodologia consiste em um levantamento bibliográfico que explora a relação entre paisagem, memória e cor. Serão analisadas fontes nacionais e internacionais que destacam a importância da cor na identidade de centros históricos.

Intervenções cromáticas em centros históricos podem levar à descaracterização, resultando em paisagens questionáveis e desordenadas (SABATÉ, 2008). Esse desejo contemporâneo de rejuvenescimento apresenta implicações profundas na preservação do patrimônio histórico, desafiando a autenticidade em um mundo que valoriza apenas o novo e imaculado.

2 RELAÇÃO DE PAISAGEM E MEMÓRIA

O palimpsesto, assim como a paisagem, apresenta superposições, mas que deixam traços. Essas impressões são camadas de experiência de vida que estimulam a investigação, uma espécie de arqueologia do olhar, para a obtenção daquilo que se encontra oculto, mas que deixou pegadas, talvez imperceptíveis, que é preciso descobrir (PESAVENTO, 2004).

Da mesma forma que a paisagem, a memória comporta diversos sentidos, conforme a disciplina ou indivíduo que esteja se utilizando dela. A percepção individual é resultado da ordenação de uma cultura a partir da dinâmica e dos usos do espaço em que está inserida. Assim, a relação (positiva ou negativa) com cheiros, ruídos, vistas, texturas e sabores, está associada à construção cultural. Para Duarte e Santos (2020) são as memórias, os cheiros e os sons próprios do espaço, capazes de despertar emoções nos indivíduos. Em concordância, para Terraza (2015), a memória é formada não só pelo aspecto visual e espacial, mas também pela esfera auditiva e olfativa.

Todos estes aspectos possibilitam a identificação do sujeito com a paisagem a partir de uma memória individual que se encontra inserida na memória coletiva, sendo assim a memória é repleta de interpretações individuais. A apreensão é realizada por meio da relação entre o que já se sabe e o que está sendo apreendido.

De acordo com Pidner (2014), a relação entre o sujeito e o espaço pode resultar em sentimentos de identidade, de pertencimento e afetividade conforme novos significados são atribuídos diariamente à paisagem. A memória tem essa dimensão individual, porém muitos dos seus referentes são sociais, assim o sujeito precisa recorrer a instrumentos que lhe são fornecidos pelo meio social, tais como as ideias e as palavras, os quais permitem que, além da memória individual, tenha-se também uma memória compartilhada, uma memória coletiva.

Para Halbwachs (1990), a memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas; ela evolui de acordo com suas próprias leis. Dessa forma, para o autor, a memória coletiva não é a união de várias memórias subjetivas, trata-se de uma construção social, constituindo-se a partir das relações mantidas entre os indivíduos e grupos.

O mesmo autor argumenta que a memória individual depende da pertença à um grupo social. O indivíduo isolado não consegue formar ou manter lembranças sem o apoio de testemunhos de outros. As memórias individuais são moldadas pelas interações sociais, resultando em um patrimônio comum de recordações. Embora a memória seja coletiva, apenas o indivíduo é capaz de lembrar. No entanto, o sujeito é um instrumento das memórias coletivas, mesmo ao lembrar individualmente. Assim, a memória é social porque toda forma de experiência também o é.

A participação do indivíduo em grupos diferentes resulta em memórias fragmentadas, formando um mosaico. Rios (2014) sustenta a ideia de que o mesmo processo ocorre com a paisagem, sendo moldada de forma única por cada grupo social, refletindo assim a sua identidade cultural

específica. Os grupos projetam sua imagem na paisagem, que se torna um depósito de seus valores e modos de vida. A paisagem permite que os grupos materializem suas memórias e identidades, através de monumentos, prédios históricos e patrimônio arquitetônico. Quando uma memória desaparece, significa que os laços sociais que a sustentavam não existem mais, indicando que o grupo que cultivava essa lembrança deixou de existir.

A paisagem revela ainda a realidade do espaço em um determinado momento do processo. O espaço construído ao longo do tempo de vida das pessoas, considerando a forma como vivem, o tipo de relação que existe entre elas e que estabelecem com a natureza. Dessa forma, afirma Callai (2002, p. 97) “o lugar mostra através da paisagem, a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza de tais recursos”. Portanto, agrega-se a paisagem um valor afetivo, um sentido estético capaz de marcar o imaginário das pessoas e a identidade cultural, consequentemente afetando a memória coletiva.

As memórias são constituídas não apenas por experiências vividas diretamente, mas também por experiências herdadas e aprendidas transmitidas pelos grupos durante o processo de socialização. Segundo Pollak (1992), as memórias, tanto individuais quanto coletivas, são compostas por três elementos: acontecimentos, pessoas (ou personagens) e lugares. Os acontecimentos podem ser vivenciados diretamente pelo indivíduo ou “por tabela”, por meio do pertencimento a um grupo. As pessoas que fazem parte das lembranças podem ter sido do convívio pessoal ou podem ser figuras públicas relevantes. Quanto aos lugares, eles podem ter sido frequentados pessoalmente por um período de tempo ou terem sido incorporados indiretamente às experiências do sujeito.

Rios (2014) propõe que a memória é uma reconstrução do passado influenciada pelos interesses e preocupações dos grupos e indivíduos no presente. Dessa forma, ela se torna relativa e mutável, sujeita a processos de reinterpretação e mudança. Embora a memória possa variar, é importante que haja algum nível de concordância entre as novas representações e aquelas já existentes. As lembranças tendem a trabalhar para preservar as representações do grupo. No entanto, se a continuidade entre o novo e o antigo for rompida abruptamente, pode ocorrer uma crise de identidade.

Dessa forma, reforça-se a relação da paisagem com a memória coletiva e individual. De acordo com a Andreotti (2012, p.8), a paisagem “é logos, discurso da memória, da história e da cultura, e, como tal, paradigma de valores éticos e estéticos”. Na paisagem estão representados os valores culturais de uma sociedade, seus estilos, costumes, significados, formas simbólicas densas de valores, experiências e memórias (individuais e coletivas).

2.1 PAISAGEM CULTURAL, MEMÓRIA E COR

A relação entre paisagem e a cor no patrimônio construído pode ser comparada com a primeira leitura que se faz do rosto de uma pessoa. Esse juízo de valor pode causar impressões sobre questões

estéticas e de beleza, ou informações sobre o estado de conservação e de saúde da pessoa. A leitura do rosto – ou paisagem – deixa transparecer muito sobre o estilo “da(s) alma(s) que habitam(ram) essa pele” (AGUIAR, 2003, p. 1).

Kühl (2004) vai além quando afirma não se tratar apenas de uma "pele", que é um órgão de extrema importância, mas também de um local que testemunha a passagem da história. Isso não pode ser dissociado do processo de restauração arquitetônica como um todo. Não se trata apenas de uma simples camada superficial ou de um projeto de embalagem que possa ser alterado com facilidade. Ignorar a consistência física, a estrutura formal do edifício em sua totalidade e seu contexto histórico pode comprometer seriamente a compreensão da obra.

São memórias, cicatrizes, eventos e fatos; um palimpsesto denso de valores histórico-culturais, que de acordo com Fernand Braudel (1986-87 apud MENESES, 2002), devem ser carregados e conservados na pele – ou na paisagem. A somatória desses símbolos faz com que as cidades, e as paisagens, sejam únicas, portadoras de uma identidade ímpar. Nenhuma cidade viveu as mesmas experiências ou trilhou o mesmo percurso.

A cor é um dos elementos constituintes da paisagem, a partir disso imagens e discursos expressam a cultura e identidade local. Veiga e Tavares (2002) trazem que a cor do edifício histórico é a imagem estética de um monumento, de uma rua, de um centro histórico, de uma paisagem urbana. Representa o valor patrimonial de determinada paisagem e reflete a peculiaridade da sua identidade e história.

Dessa forma, a cor na paisagem representa o caráter e a identidade de uma cultura e de uma região. Ao longo da história, a cor em Arquitetura era reflexo dos materiais disponíveis no local. Com esses materiais, tinha-se uma restrita gama de cores, impossível de se comparar com as quase infinitas possibilidades dos dias de hoje. Aguiar (2003) segue observando que cada cidade, cada região, tinha as suas próprias cores, dentro de específicos tons, resultantes das diferentes composições dos minerais presentes nos seus solos. Destas diferenças surgiam os efeitos de sfumatura, que são muito utilizados nos tratados italianos, assim dizendo, trata-se de uma leve variação de cor que se torna único a um lugar urbano e de sua cultura visual.

As cores da paisagem urbana refletem a identidade local e estão diretamente associadas aos condicionantes culturais da região, chamada por Raimondo (1987 apud BRENDLE, 2012) de *Colore Loci*¹ São extratos da história que conectam a sua construção às condicionantes socioculturais e técnicas, compondo o palimpsesto urbano.

¹ O termo alude a ideia do conceito de *genius loci*, segundo Norberg-Schulz (2006), trata-se da essência do lugar, envolvendo a forma, textura e cor, que juntas determinam uma “qualidade ambiental”. Com nisso a terminologia se concentra na cor como essência do espaço.

3 O LARGO DA ORDEM E SUAS CORES

O Largo da Ordem desempenhou papel vital no desenvolvimento econômico-social de Curitiba-PR, especialmente no século XIX, quando se transformou no centro da região devido ao comércio e transporte de gado. As atividades comerciais intensificaram-se com a exportação de mate, atraindo diversas colônias estrangeiras para os arredores da cidade, influenciando significativamente sua paisagem (IPPUC, 1970).

Na década de 1950, o Largo era um ponto de comércio, onde colonos vendiam produtos, evoluindo ao longo do tempo para o comércio de produtos secos e molhados (GONZAGA; VIEIRA, 2010). Sua importância histórica foi reconhecida em 1966, e preocupações com a preservação persistiram nas décadas seguintes, destacando-se o Plano de Revitalização do Setor Histórico de Curitiba na década de 1970 (IPPUC, 1970).

A transformação da paisagem de Curitiba, centrada na criação de uma identidade curitibana, foi marcada pela revitalização de setores históricos tradicionais nos anos 80 (IPPUC, 2023). O Plano Diretor de 2015 e o Zoneamento de Uso e Ocupação do Solo de 2019 reforçam a preocupação com a preservação da identidade e paisagem urbanas, incluindo diretrizes para identificação e preservação de bens culturais, tanto materiais quanto imateriais (CURITIBA, 2015, 2019a).

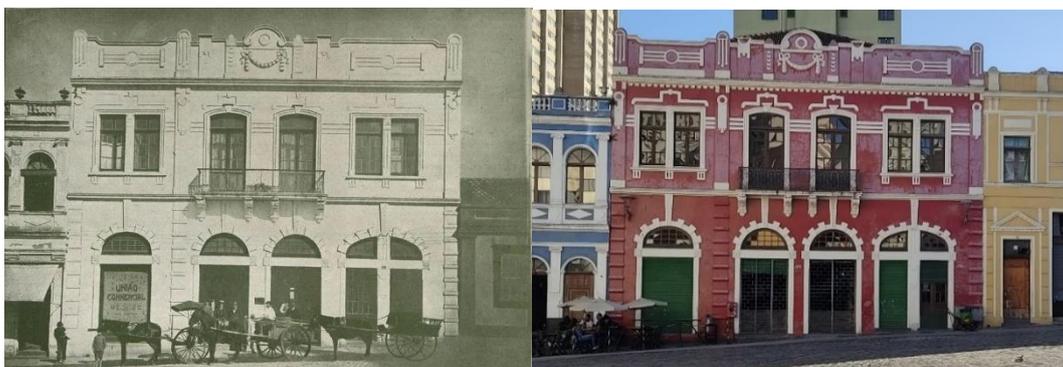
Entre as diversas edificações históricas que compõem o patrimônio urbano do Largo da Ordem, seguem alguns exemplares que ilustram os distintos estratos históricos que estão impressos na paisagem local.

3.1 CASA VERMELHA

A "Casa Vermelha", construída em 1891 por Wilhelm Peters, inicialmente possuía uma função comercial no térreo e residencial na parte superior. Em 1919, o edifício adquiriu sua característica marcante ao ser pintado de vermelho e tornar-se a casa de ferragens de Eurico Fonseca dos Santos & Cia. Entre 1992 e 1997, foi alugada pela Prefeitura Municipal de Curitiba, servindo como espaço de exposições (PERIN, 2019). Atualmente, o térreo abriga, em parte, o Bar do Alemão.

Ao lado da "Casa Vermelha", dois sobrados, um azul e outro bege, foram residências do pintor Waldemar Curt Freyesleben. O sobrado azul, anteriormente conhecido como Casa Cruzeiro e ateliê do pintor, abriga atualmente o Boesia Bar. O sobrado bege permanece sem uso. Em frente aos sobrados, um edifício que já foi a Casa das Fábricas agora é utilizado pelo Curso Dinamico (PERIN, 2019).

Figura 1: Casa Vermelha em 1913 e em 2023: apesar de ser uma fotografia preta e branca nota-se que o contraste entre as cores da parede e dos ornamentos não é a mesma dos dias de hoje, da mesma forma que o tom do vermelho utilizado é mais pigmentado e escuro do que a cor preexistente.



Fonte: Perin (2019); Acervo da autora (2023).

3.2 CASA HOFFMANN

A Casa Hoffmann, um sobrado construído em 1892 pelo arquiteto alemão Neuman, é um exemplar arquitetônico com influência germânica, refletida tanto em sua estrutura quanto nos materiais utilizados (IPPUC, 1970). Originalmente, seguindo o padrão da época, era destinada ao comércio no térreo e residência no pavimento superior. Durante parte de sua história, abrigou uma loja de tecidos e serviu como moradia para uma família de imigrantes alemães.

Em 2003, a Casa Hoffmann passou por uma transformação significativa ao ser inaugurada como o Centro de Estudos do Movimento. Essa mudança refletiu uma nova proposta para o espaço, visando ser um centro de estudos e experimentações do movimento, com foco na valorização da expressão artística e no desenvolvimento cultural da região (HOFFMANN, 2023).

Figura 2: Os colonos e suas carroças no Largo nos anos 1950; em primeiro plano o edifício à esquerda a Casa Hoffmann; à direita uma parte da Casa de Rodolfo Strobel. Ao fundo a Igreja da Ordem já com a torre.



Fonte: Perin (2019), Acervo da autora (2023).

3.3 CASA STROBEL

Ao lado da "Casa Vermelha", encontra-se um edifício com estilo arquitetônico típico das casas germânicas, construído em 1930 por Rodolfo Strobel, como indicado na inscrição "R. 1930 S." em sua parte mais alta. A família Strobel, de imigrantes alemães, foi responsável pela construção do imóvel (PERIN, 2019). Na década de 1980, o Largo da Ordem se transforma em um ponto de lazer noturno, destacando-se o Bar do Alemão, que teve início no depósito de uma loja e se expandiu ao longo do tempo para se tornar uma referência na região. O edifício abrigou anteriormente uma loja das Casas Pernambucanas, e atualmente, seu térreo é utilizado para fins comerciais, incluindo o Largo's Bar e parte do Bar do Alemão (PERIN, 2019).

FIGURA 3: Casa Strobel em 1930 quando tinha no seu térreo a Casas Pernambucanas; e nos dias de hoje tendo como uso o Largo's Bar. Nota-se que a cort utilizada antigamente apresentava um maior contraste entre a parede e os ornamentos.



FONTE: Perin (2019); Acervo da autora (2023).

O Largo da Ordem não apenas testemunhou as transformações de Curitiba ao longo dos séculos, mas também reflete a identidade da cidade, preservando memórias e tradições através de suas construções e atividades comerciais. A preservação desse patrimônio, tanto material quanto imaterial, é fundamental para manter viva a história e a cultura da cidade.

4 INTERVENÇÕES CROMÁTICA NA PAISAGEM CURITIBANA E NO LARGO DA ORDEM

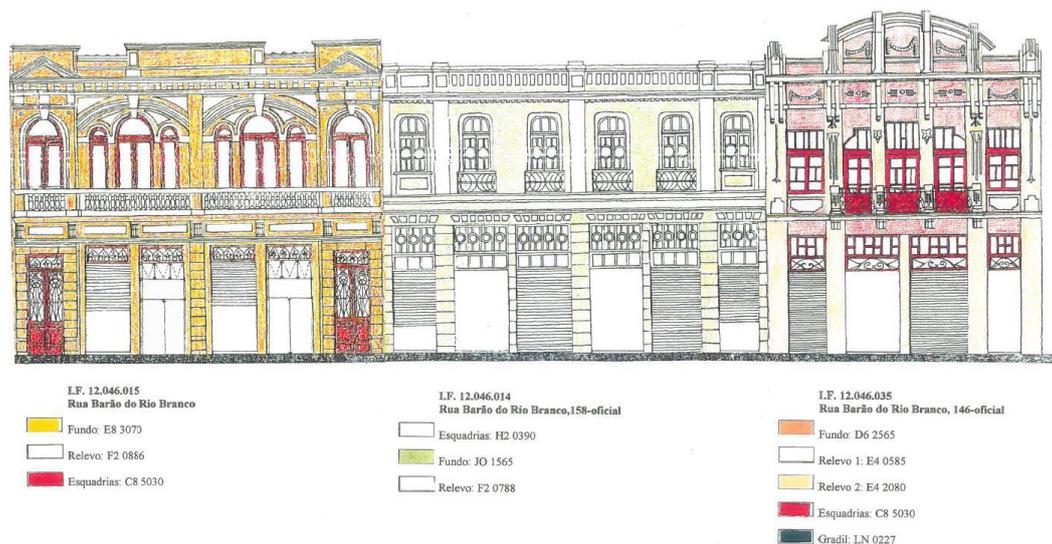
Sobre as alterações cromáticas na paisagem curitibana, em 1994 foi celebrado um Termo de Cooperação entre o Município de Curitiba e a Fundação Roberto Marinho, com interveniência da AkzoNobel. A mesma empresa internacional que realiza o projeto Let's Colour pelo Mundo chega em Curitiba ainda antes do projeto existir sob esse título, o que ocorreu somente em 2009, como visto anteriormente.

Levando esse Termo em consideração foi sancionado o Decreto nº 246/1995 (CURITIBA, 1995), que dispõe sobre o projeto "Cores da Cidade", que abrange parte da Rua XV de Novembro e

das Ruas Barão do Rio Branco e Riachuelo. Trata-se de uma parceria público-privado onde as tintas para a pintura externa foram fornecidas aos proprietários gratuitamente pela AkzoNobel. O interesse do projeto está em “recuperar, revitalizar, preservar e valorizar o patrimônio constituído das edificações históricas do centro da Cidade” (CURITIBA, 1995, p. 01).

Depois de quatro anos, o Termo de Cooperação volta a ser firmado e resulta no projeto “Cores da Cidade – Fase II”, dando sequência a fase I, que seria parte integrante do Projeto de Revitalização do eixo Barão/Riachuelo (CURITIBA, 1998). De acordo com o Decreto nº 508/1998 (CURITIBA, 1998), critérios técnicos são estabelecidos pelo IPPUC, além de orientações para implementação do projeto de conservação, restauração e revitalização do patrimônio edificado. As orientações para as intervenções cromáticas nas fachadas históricas do Centro podem ser vistas na FIGURA 4, onde é proposto como e com quais cores a pintura deve ocorrer.

FIGURA 4: Exemplo de proposta de cores realizada pelo IPPUC para imóveis históricos localizados na Rua Barão do Rio Branco, 174, 158 e 146 em 1998.



FONTE: IPPUC (apud WEIGERT, 2020).

As revitalizações cromáticas de fachadas históricas continuaram nos anos seguintes. Em 2005, iniciaram-se ações no âmbito do projeto "Tudo de Cor para Curitiba", mais uma vez em parceria com a AkzoNobel, que resultaram em intervenções ao longo da Avenida Marechal Deodoro. Esse esforço teve sequência em 2010 com a intervenção em 53 imóveis situados na Rua Riachuelo e, dois anos depois, com a renovação de 14 edifícios na Rua São Francisco. Em 2013, a parceria com a Coral voltou ao Setor Histórico, dando início a um processo abrangente de revitalização que começou com a pintura das fachadas dos prédios (CURITIBA, 2013, 2014).

Setor Histórico mais bonito: O Setor Histórico ficou mais colorido, como resultado do projeto Tudo de Cor para Curitiba, que pintou as fachadas de 32 prédios da região, em parceria com a empresa Tintas Coral e a Rede Empresarial do Centro Histórico (CURITIBA, 2016, p. 183).

De acordo com a AkzoNobel (2014) “o centro histórico de Curitiba foi escolhido para receber o ‘Tudo de Cor para você’ devido às edificações de grande importância histórica e cultural para a cidade”, com isso a o programa “promoveu a reforma da pintura de 32 prédios no centro histórico da cidade, uma das áreas mais importantes de Curitiba”. A celebração do programa no Largo da Ordem na FIGURA 5.

FIGURA 5: A celebração do Programa Tudo de Cor para Curitiba em 2014 no Largo da Ordem, em primeiro plano o prefeito à época Gustavo Fruet, ao fundo a Casa Vermelha fresca de tinta.



FONTE: AkzoNobel (2014).

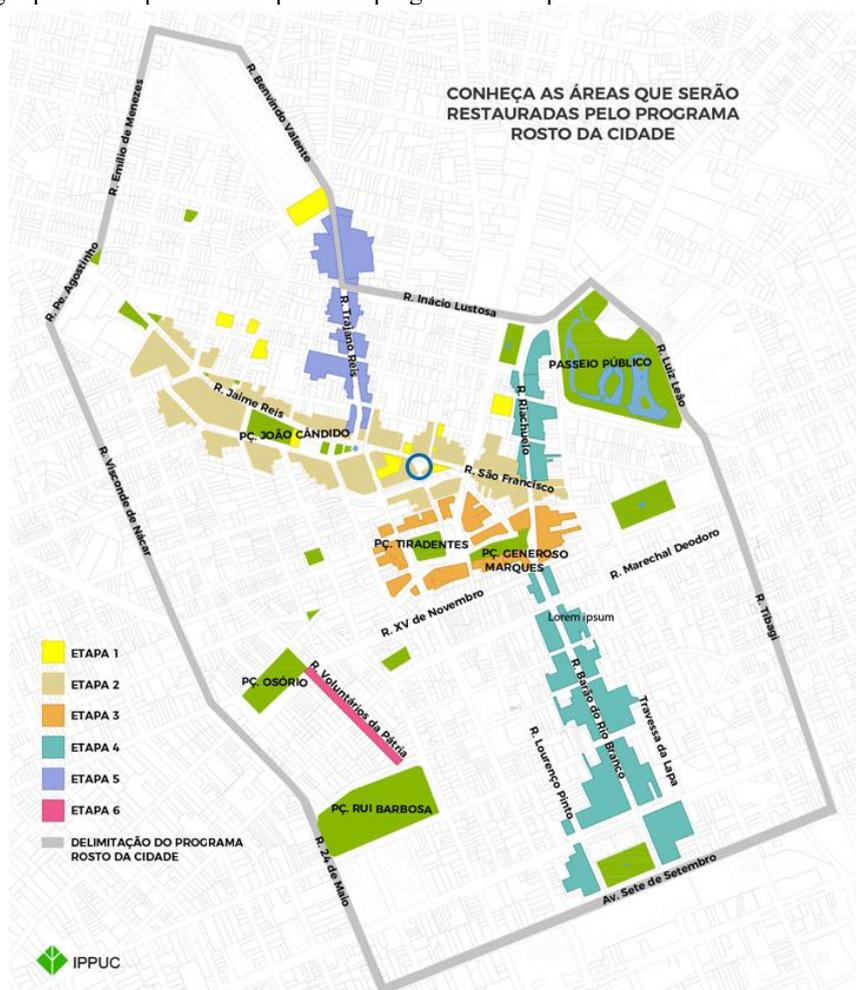
Em 2018, a Prefeitura de Curitiba lançou um novo projeto: “Rosto da Cidade”, “um programa de recuperação dos endereços e caminhos importantes para a memória coletiva da população” (IPPUC, 2020, p. 28), com essa citação nota-se a preocupação indo além dos aspectos visuais, englobando a memória coletiva que está inscrita na paisagem. Como exposto pela Prefeitura de Curitiba (2018b), o projeto tinha como meta resgatar o Centro como área de moradia, turismo e lazer, tratando-se de um investimento voltado para geração de empregos e renda através do turismo, além da preservação cultural da cidade.

Além disso, de acordo com a Lei (CURITIBA, 2019b) que instituiu o programa, o objetivo era a “Recuperação da Paisagem” através do combate à poluição visual, pichação e degradação da cidade. No Artigo 4º deixa clara as responsabilidades dos proprietários, os quais deveriam “adotar e manter as cores determinadas para a pintura da fachada” (CURITIBA, 2019b). Esse modelo segue iniciativas do passado de parcerias entre a Prefeitura Municipal de Curitiba e a AkzoNobel como o projeto “Cores da Cidade” de 1995 para a pintura do Eixo Barão-Riachuelo, e o projeto “Tudo de Cor para você” de

2010 a 2014, para a pintura da Rua Riachuelo, da Rua São Francisco e do Setor Histórico (IPPUC, 2018).

A execução do projeto foi prevista em seis etapas, mapeadas na FIGURA 6, onde estavam previstas a limpeza das pichações e aplicação de nova pintura com resina antipichação (CURITIBA, 2018a).

FIGURA 6: Polígono onde estava prevista a promoção da pintura pelo Programa Rosto da Cidade e as etapas relativas. O círculo azul é o Largo que estava previsto ser palco do programa na etapa 2.



FONTE: Anexo do Decreto nº316/2019 (CURITIBA, 2019c), alterações feitas pela autora (2023).

O Rosto da Cidade se inicia com a pintura de 14 imóveis públicos municipais, alguns deles, como visto na FIGURA 7, estão localizados no Largo da Ordem ou no seu entorno imediato, como: a Casa Romário Martins; a Casa Hoffmann; a Casa da Memória; e o Memorial de Curitiba.

FIGURA 7: Casa Hoffman cenário da primeira etapa do projeto “Rosto da Cidade”. Ao fundo a torre da Igreja da Ordem, e as mesas que ocupam diariamente o calçadão.



FONTE: Curitiba (2018a).

Na Etapa 2 foram objetos das intervenções o Largo da Ordem (fase 1) e a Rua São Francisco (fase 2) que fazem parte do Setor Histórico de Curitiba, um dos conjuntos edificados com maior importância histórica e cultural da cidade (IPPUC, 2018). O recorte que engloba a Etapa 2 – fase 1, ou seja, o Largo e seu entorno, apresenta 66 imóveis que fizeram parte da recuperação cromática proposta pelo IPPUC. Na FIGURA 8 traz o entorno do Largo após a execução do projeto.

A fase 2, envolvendo a Rua São Francisco, envolvendo 28 imóveis, tinha como objetivo a valorização dos pedestres e de sua paisagem, o resultado da proposta pode ser visto na FIGURA 9. A definição de cores foi feita pelo IPPUC, na FIGURA 10 um exemplo de como foi feito o fichamento dos imóveis relacionados a essa etapa.

FIGURA 8: Na fotografia a Rua Dr. Claudino dos Santos, que dá acesso ao Largo da Ordem propriamente dito, com implantação de faixa de concreto de 1,5 metros de largura visando a acessibilidade e pintura das fachadas.



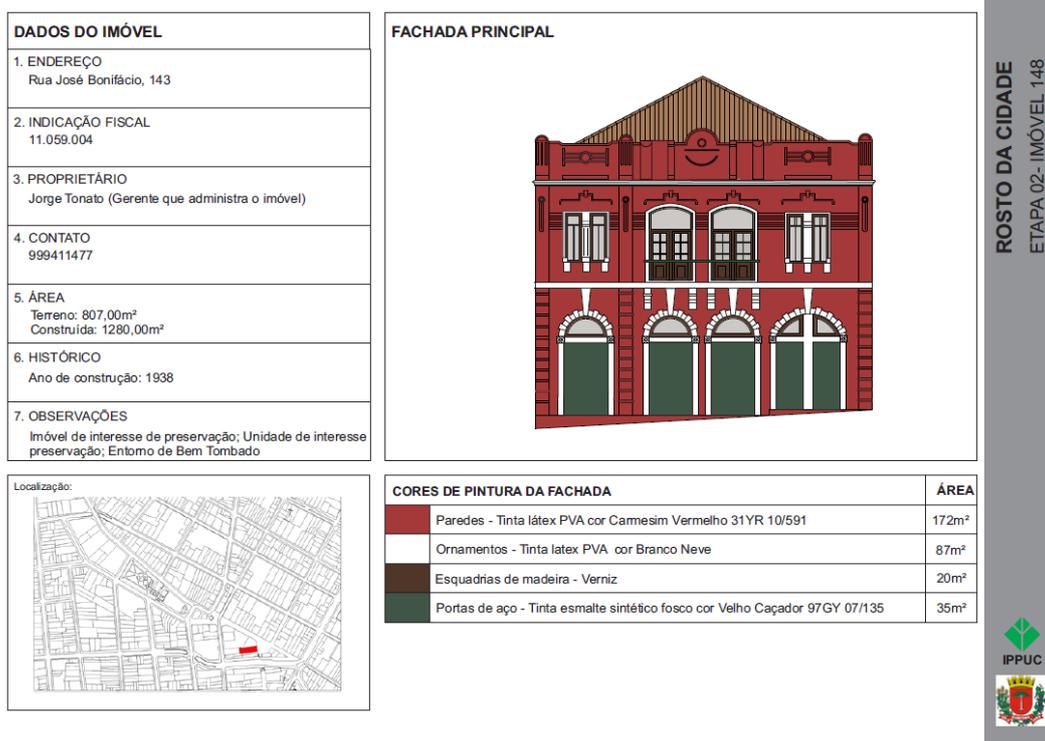
FONTE: Mauro Magnabosco (IPPUC, 2020).

FIGURA 9: Rua São Francisco revitalizada com implantação de faixa acessível e preservação do piso histórico; novo sistema de iluminação pública; e a pintura das fachadas conforme estudo elaborado.



FONTE: Carla Choma Franki (IPPUC, 2020).

FIGURA 10: Exemplo de fichamento com a proposta de cores realizada pelo IPPUC para imóveis históricos localizados no Largo da Ordem. Está em específico é referente a Casa Vermelha.



FONTE: IPPUC (2018).

A Etapa 3 parte abrangendo as Praças Tiradentes e Generoso Marques juntamente com o entorno da região. Foram mapeados 75 imóveis para essa etapa, que prevê implantação da faixa acessível em concreto, juntamente com a preservação do pavimento e dos desenhos em petit pavé existentes (IPPUC, 2020). A quarta Etapa compreende os 136 imóveis do Eixo Barão-Riachuelo até o Passeio Público (parque municipal mais antigo, Patrimônio Estadual desde 1999), incluindo o Cine Passeio, ilustrado na FIGURA 42 que também foi renovado (IPPUC, 2020).

A Etapa 5 envolve a Rua Trajano Reis, onde estava prevista a pintura de 71 exemplares arquitetônicos e a adaptação à acessibilidade do trecho. A última Etapa compreende as Praças Osório e Rui Barbosa, e sua ligação pela Rua Voluntários da Pátria. As intervenções, como ilustra a FIGURA 43, visavam dar acesso qualificado ao pedestre, preservação dos desenhos históricos em pedra do calçamento, melhoria na iluminação e pintura do Instituto de Educação do Paraná (IPPUC, 2020).

Como se pode perceber, as ações que ocorrem por todo o mundo, com vistas a transformar as paisagens históricas, também estão presentes em Curitiba. Há 24 anos, um conjunto expressivo de imóveis históricos vindo sendo cenário de repetidas alterações cromáticas, com nítidas preocupações com a imagem da cidade perante turistas e possíveis investidores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conexão entre memória e cor desempenha um papel essencial na proposta para proteção da memória cromática do Largo da Ordem. A seleção criteriosa das cores para edifícios, fundamental para



a compreensão e valorização da arquitetura, demanda profundo conhecimento histórico (KÜHL, 2004). Em conjuntos arquitetônicos e centros históricos, onde a abordagem das superfícies deve ser histórica e crítica, há uma alternância entre restaurações e intervenções livres, destacando a necessidade de planos de cor que minimizem mudanças na imagem consolidada ao longo do tempo (Bonelli, 2004). Em contextos como o do Largo da Ordem, onde a alternância entre restaurações e intervenções livres é uma constante, a criação de um Plano de Cor revela-se fundamental para minimizar transformações drásticas e preservar a imagem histórica consolidada do espaço.

Para enfrentar esses desafios, propõe-se a elaboração de um Plano de Cor para o Largo da Ordem. Essa proposta pode incluir um Levantamento Histórico que incorpore o conhecimento técnico de especialistas em arquitetura e história, investigando as cores originais e tradicionais da área. Essa investigação pode ser enriquecida por meio da pesquisa de fotografias históricas e do acervo de moradores mais antigos, além da utilização de prospecção pictórica. Essa etapa é fundamental para garantir que as intervenções respeitem a identidade cromática da região e a memória cultural de seus habitantes.

A elaboração do Plano de Cor, deve harmonizar as contribuições da comunidade com as diretrizes históricas, resultando em uma paleta que preserve a autenticidade do Largo da Ordem. Ao ser submetido à comunidade e às autoridades locais, o plano deverá estimular o diálogo e a troca de feedback, promovendo uma abordagem inclusiva e participativa. Ademais, as práticas de restauração e revitalização urbana devem priorizar não apenas uma aparência "jovem" e imaculada, mas também o valor das marcas do tempo e das características locais que tornam o ambiente urbano autêntico e significativo para seus habitantes. Sugere-se, assim, uma abordagem que privilegie a harmonia entre tradição e transformação, visando à preservação do patrimônio histórico sem apagar sua história.

Em conclusão, o desenvolvimento de planos cromáticos contextualizados, aliado à participação da comunidade nos processos de decisão, são passos essenciais para uma preservação mais integrada. A implementação de um plano de cor bem fundamentado não apenas resguarda a memória cromática do Largo da Ordem, mas também fortalece os laços entre a comunidade e seu patrimônio, contribuindo para a preservação de uma identidade cultural única que enriquece tanto o cenário urbano quanto o imaginário coletivo da região.



REFERÊNCIAS

AGUIAR, José. Planear e Projectar a Conservação da Cor na Cidade Histórica: experiências havidas e problemas que subsistem. III Encore, [S. l.], 2003.

AKZONOBEL. Tudo de cor para Curitiba. 2014. Disponível em: <https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-curitiba/>. Acesso em: 4 maio. 2023.

BRENDLE, Betânia. Carnavalização Patrimonial: destruição da identidade cromática dos centros antigos de João Pessoa, Areia (PB) e Olinda (PE). *Urbi Centros*, n. 2, 2012.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.). *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

CARDONE, Sergio. Il colore dei centri storici: tradizione versus tradimento. In: MARCHIAFAVA, Veronica; VALAN, Francesca (org.). *Colore e Colorimetria Contributi Multidisciplinari*. Milano: Gruppo del Colore, 2017. v. XIII/Ap. p. 270–281.

CSEPCSÉNYI, Ana Cristina; RIBEIRO, Rosina Trevisan Martins. A intervenção contemporânea no patrimônio arquitetônico e a indústria cultural. *Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*, v. 18, p. 1–15, 2020. DOI: 10.11606/1984-4506.risco.2020.158337.

CURITIBA, Prefeitura De. Decreto no 246/1995. [S. l.], 1995.

CURITIBA, Prefeitura De. Decreto nº 508/1998. [S. l.], p. 8–10, 1998.

CURITIBA, Prefeitura De. Cidade mais bonita: Setor histórico de Curitiba será revitalizado. 2013.

CURITIBA, Prefeitura De. Ippuc: Setor histórico de Curitiba está renovado com pintura de 32 prédios. 2014.

CURITIBA, Prefeitura De. Lei no 14771/2015. [S. l.], 2015. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/lei-ordinaria/2015/1477/14771/lei-ordinaria-n-14771-2015-dispoe-sobre-a-revisao-do-plano-diretor-de-curitiba-de-acordo-com-o-disposto-no-art-40-3-do-estatuto-da-cidade-para-orientacao-e-controle-do-desenvolvim>.

CURITIBA, Prefeitura De. 100% Curitiba humana. [S. l.: s. n.].

CURITIBA, Prefeitura De. Rosto da Cidade. 2018a. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/rostodacidade>.

CURITIBA, Prefeitura De. Lei no 15511/2019. [S. l.], 2019. a.

CURITIBA, Prefeitura De. Lei no 15388/2019. [S. l.], 2019. b.

CURITIBA, Prefeitura De. Anexo Decreto no 316/2019. 2019. c.

CURITIBA, Prefeitura. Resgate da identidade: Programa Rosto da Cidade dá início à recuperação urbana do Centro de Curitiba. 2018b. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/programa-rosto-da-cidade-da-inicio-a-recuperacao-urbana-do-centro-de-curitiba/48326>. Acesso em: 9 jul. 2022.



DUARTE, Mirela; SANTOS, Luisa Acioli Dos. Pensar paisagem. Recife: Laboratório da Paisagem, 2020.

FLORENZANO, Luciana da Silva; RIBEIRO, Rosina Trevisan Martins. Problemas contemporâneos quanto ao uso da cor em restaurações arquitetônicas. *Gestão e Gerenciamento*, v. 13, n. 13, p. 9–17, 2020a. DOI: 10.17648/nppg-gestaoegerenciamento-2447-1291-v13-2.

FLORENZANO, Luciana de Silva; RIBEIRO, Rosina Trevisan Martins. Os bens culturais edificados no Brasil e suas cores na construção da imagem urbana de cidades históricas. 4º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil, n. 1, 2020b.

FLORENZANO, Luciana de Silva; RIBEIRO, Rosina Trevisan Martins. Da cor à imagem urbana: paradigmas contemporâneos nas cores do patrimônio cultural brasileiro. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 29, p. 1–45, 2021. DOI: 10.1590/1982-02672021v29e55.

GONZAGA, Flavia; VIEIRA, Lopes. Espaços Públicos de Lazer no Centro de Curitiba: a Transformação da Cidade. [S. l.], p. 2–104, 2010.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

HOFFMANN, Casa. Histórico. 2023. Disponível em: <https://casahoffmann.org/sobre/>. Acesso em: 9 nov. 2023.

IPPUC, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. Plano de revitalização do setor histórico de Curitiba. Curitiba, 1970. Disponível em: <https://pergamum.curitiba.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/000042/00004212.pdf>.

IPPUC, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. Rosto da Cidade - Etapa 02. [S. l.], 2018.

IPPUC, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. Rosto da Cidade: um novo olhar sobre as construções do passado. In: *Revista do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba*. Curitiba, p. 28–44.

IPPUC, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. Linha do Tempo Planejamento Urbano. 2023. Disponível em: <linha do tempo planejamento urbano>. Acesso em: 3 maio. 2023.

KÜHL, Beatriz Mugayar. O tratamento das superfícies arquitetônicas como problema teórico da restauração. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 12, n. 1, p. 309–330, 2004. DOI: 10.1590/s0101-47142004000100021.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra De. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 29–65.

NAOUMOVA, Natalia; LAY, Maria Cristina Dias. Policromia histórica e identidade cromática da paisagem urbana. *Eanpgppur*, [S. l.], 2007.

NAOUMOVA, Natalia; ZANELLA, Márcio. O papel da cor na construção do habitar da paisagem cultural de Santa Teresa-RS. *ENPOS (Encontro de Pós-Graduação)*, [S. l.], v. XXII, 2020.



NORBERG-SHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura. [S. l.: s. n.].

PERIN, Gabriel Brum. A história do Largo da Ordem de Curitiba. 2019. Disponível em: <https://www.turistoria.com.br/a-historia-do-largo-da-ordem-de-curitiba>. Acesso em: 2 fev. 2023.

PESAVENTO, Sandra. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, v. 11, n. 11, p. 25–30, 2004.

PIDNER, Flora Sousa; ANTONINO, Lucas Zenha; DA SILVA, Maria Auxiliadora. Os lugares da memória de Carlos Drummond de Andrade: imagens poéticas de Belo Horizonte (MG). Geograficidade, v. 5, n. 1, p. 60, 2014. DOI: 10.22409/geograficidade2015.51.a12919.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Aids, p. 200–212, 1992.

RIOS, Fábio Daniel. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. Revista Intratextos, v. 5, n. 1, p. 1–20, 2014. DOI: 10.12957/intratextos.2013.7102.

SABATÉ, Joaquín. Paisajes culturales y proyecto territorial. In: El paisaje en la cultura contemporánea. [s.l.: s.n.].

SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades para um mercado mundial. Chapecó, SC.

SANTOPUOLI, Nicola; MAIETTI, Federica; ALVISI, Alessandra; LABINI, Azzurra Sylos. Restauro e colore dei Centri storici fra identità e salvaguardia. In: ROSSI, Maurizio; SINISCALCO, Andrea (org.). Colore e colorimetria: contributi multidisciplinari. Santarcangelo di Romagna: Maggioli, 2012. v. VIII/A.

TERRAZA, Cristiane Herres. Cultura visual: memória coletiva e a estética do espaço urbano. Revista Ciclos, v. 2, n. 4, p. 40–50, 2015.

VEIGA, Maria do Rosário; TAVARES, Martha. Características das paredes antigas: requisitos de revestimentos por pintura. Actas do Encontro A Indústria das Tintas no Início do Século XXI, Lisboa, p. 1–16, 2002.

VITIELLO, Maria. Il testo e il contesto: per una scrittura narrativa della facies urbana attraverso le superfici e le cromie. In: ROSSI, Maurizio (org.). Colore e colorimetria: contributi multidisciplinari. Santarcangelo di Romagna: Maggioli, 2011. v. VII/Ap. 604–610.

VITIELLO, Maria. Identità cromatica e paesaggio. In: Colore e colorimetria: contributi multidisciplinari. Santarcangelo di Romagna: Maggioli, 2012. v. VIII/Ap. 215–221.

WEIGERT, Ivilyn. Entre a preservação e o desenvolvimento: a Rua Riachuelo na área central de Curitiba. [S. l.], p. 148, 2020.